

COMUNICANDO PERCEPÇÕES E CAPTANDO SIGNOS: CONECTANDO ENSINO E EXTENSÃO.

¹P. Hecktheuer; ² R. K. de M. Teixeira & ³ K. F. S. Rios.

Artigo submetido em Jul/2018. Aceito em Set/2018. Revisado em jun/2019. Publicado em set/2019.

RESUMO: O presente texto trata da capacidade perceptiva humana, apresentando alguns marcos teóricos que relacionam sensações, sentimentos e cognição - temática desenvolvida na disciplina de Teoria da Percepção do Curso de Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. É apresentado um exercício de ensino / aprendizado voltado a intervenções espaciais acerca do tema, que inicialmente foi realizado no espaço físico da unidade acadêmica e, posteriormente em espaço do Centro de Convenções de Maceió, conectando-se ao grupo de extensão Cidades & Signos. Evidenciando a relação entre ensino e extensão e motivando alunos, professores e comunidade a investigarem suas próprias capacidades expressivas, a atividade como um todo fomentaria a relação entre design e arte, numa ação cultural contributiva para a formação acadêmica, profissional, humanística e cidadã dos sujeitos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção. Design. Arte. Ensino. Extensão.

COMMUNICATING PERCEPTIONS AND CAPTURING SIGNS: CONNECTING TEACHING AND EXTENSION

Article submitted: Jul / 2018; Accept: Sep / 2018; Revised: Jun/ 2019; Posted: Set / 2019.

ABSTRACT: This text looks at the human perceptual capacity and presents some theoretical frameworks that relate sensations, feelings and cognition – this subject is studied in the discipline of Perception Theory of the Design Course of the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Alagoas. The text also presents a teaching/learning exercise focused on spatial interventions on the subject, which was initially carried out in the physical place of the academic unit and later in a place at the Convention Center of Maceió – Alagoas, connecting to the extension group Cidades & Signos. It shows the relationship between teaching and extension and reveals the motivation of students, teachers and community as they investigate their own expressive abilities. The activity would foster the relationship between design and art, in a cultural action that contributes to the academic, professional, humanistic and citizen formation.

KEYWORDS: Perception. Desig. Art. Teaching. Extension.

¹ Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: patricia.hecktheuer@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: raycedemelo@gmail.com

³ Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: katharina.rios47@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este texto discorre sobre uma atividade realizada na disciplina de Teoria da Percepção, ministrada no Curso de Design, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas – FAU / UFAL, atividade que extrapolou os limites da Universidade, desafiando alunos e encantando os atores envolvidos no processo.

Na segunda unidade desta disciplina, os estudantes já com certa base teórica sobre teorias da percepção da forma e do espaço e sua aplicação na arte e no design, com base no sistema sensorial e sistema cognitivo humano, em seminários de leitura e alguns exercícios, foram desafiados com uma atividade prática. Esta atividade será a temática deste texto, assim como seu vínculo com o Projeto de Extensão Cidades & Signos, hoje já em sua segunda edição, com o apoio do PROINART - Programa de Iniciação Artística que abrange projetos que contemplam a pesquisa, criação, produção e difusão de produtos artísticos.

A interação entre as atividades de extensão e de ensino é desafiadora; no caso em questão, o desejo do estudante de lançar sua produção e reflexões para a comunidade foi motivadora de novos posicionamentos e de um discurso enquanto prática, voltado as três áreas contempladas pelo curso – o projeto gráfico, projeto de produto e projeto de ambientes. Hoje, alguns destes estudantes compõem o grupo Cidades & Signos, na edição de 2018.

A percepção como gatilho criativo e a capacidade do designer de expressar sua intenção viriam ao encontro da busca dos signos, promovendo a fruição espacial, a crítica e o deleite do usuário, que pode contemplar, usufruir e participar das performances e das instalações desenvolvidas pelos estudantes de Design.

2 UMA TRAJETÓRIA SOBRE OS ESTUDOS DA PERCEPÇÃO HUMANA.

A percepção humana vem sendo estudada por várias áreas do conhecimento, desde as observações e teorias sobre sensações e sentimentos até os estudos fenomenológicos, passando por abordagens estruturalistas e racionalistas. Arte e a ciência se questionando sobre a percepção que temos do mundo.

O mundo existe porque o percebemos ou percebemos o mundo que existe? Certo é que a percepção do mundo é diferenciada de pessoa para pessoa, dependendo de questões

genéticas, físicas e culturais, pelo menos. Sensação é a capacidade de codificar aspectos energéticos que nos circundam, a recepção dos estímulos do mundo externo captada por nossos cinco sentidos. Já a percepção é a capacidade de interpretar estas sensações, associando-as às memórias: daí a formação dos conceitos que orientam nosso comportamento.

Além da percepção ligada aos cinco sentidos, temos a percepção temporal – desenvolvida pelas experiências e pelo passar do tempo. E também a percepção espacial, que utiliza todas estas outras percepções, apresentando grande complexidade para ser estudada, constituindo que podemos chamar de *próprio percepção*, e que nos permite reconhecer nosso próprio corpo e localizá-lo no mundo físico e, num estágio analítico, identificar nossas próprias atitudes e sentimentos.

No Curso de Design da FAU / UFAL, limitando-nos a nossa vivência, é forte a tendência dos estudos em percepção visual: os estudos da forma, a expressão gráfica e plástica, a *Gestalt* (palavra alemã que pode ser traduzida por *forma* ou *aquilo que se revela aos nossos olhos*), assim como as relações espaciais geradas a partir das visualidades. O exercício acadêmico que será narrado aqui teve seu gatilho na percepção auditiva, muito desenvolvida no ser humano e também fundamental para os conceitos de espacialidade, distinção de lugares e memória. Outras camadas de percepção seriam visitadas – inclusive as olfativas e as táteis, também desenvolvidas no exercício.

Como já mencionado, a capacidade perceptiva humana tem sido estudada por várias áreas do conhecimento, desde a medicina até a filosofia. Berkeley (2010, p. 61) afirma que “não há nenhuma substância a não ser o espírito, ou aquele que percebe”. Propõe o autor (2010, p. 64) que “suponhamos que as qualidades sensíveis sejam as cores, a figura, o movimento, o cheiro, o sabor - ou seja: as ideias percebidas pelos sentidos (...)” mesmo estes “corpos que compõem a estrutura do mundo, não possuem existência nenhuma fora da mente; o grande, o pequeno, o lento e o rápido não existem em nenhum lugar, que não na mente”. Este texto questionador - Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano, de 1710 - lançaria muitas bases para as discussões sobre percepção, e foi estudado pelos estudantes da disciplina de Teoria da Percepção já no começo do semestre letivo.

A noção de sensação é fundamental, não sendo esta nem um estado, nem uma qualidade, é possível que tampouco seja a consciência de um estado ou de uma qualidade, como definiram o empirismo e o intelectualismo. Segundo Locke (2013), Deus nos conferiu

as faculdades para que pudéssemos adquirir conhecimento. Fundador do empirismo, ao final do século XVII, o autor afirma que, ao nascermos, somos como uma folha em branco - uma *tábula rasa* que é escrita na medida em que vivemos e temos experiência de mundo. Já a corrente intelectualista evidencia o sujeito-ativo; enquanto a *coisa* externa é passiva. Sentir e perceber são fenômenos que dependem da capacidade do sujeito para decompor um objeto em suas qualidades simples (sensações) e recompô-lo. A percepção do sujeito estaria na organização e na significação por ele conferidas.

A percepção compreendida através da noção de campo, contextualizada e conjuntural, é representada pela Escola da *Gestalt*. Na visão *gestaltiana* não existem sensações elementares ou objetos isolados, nossa percepção nunca é completa ou definitiva, sempre será uma interpretação transitória e incompleta.

Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo o nosso ser, numa atividade criativa de novas possibilidades existenciais: este é o marco fenomenológico de Merleau-Ponty (2006), que rompe com a noção de corpo-objeto e da recepção passiva e funda o sujeito encarnado e a experiência no corpo fenomenal. Reconhecendo o espaço expressivo e simbólico e assumindo o campo do subjetivo e do histórico na contraditória tensão-amálgama das experiências afetivas, o autor propõe (2000, p. 112) que “não é o sujeito epistemológico que efetua a síntese, é o corpo; quando sai de sua dispersão se ordena, se dirige por todos os meios para um termo único de seus movimentos, e quando pelo fenômeno da sinergia, uma intenção única se concebe nele.”

Estas teorias, aqui expostas brevemente, foram estudadas pelos alunos na disciplina de Teoria da Percepção em leituras e exercícios simplificados, ao que seguiria a atividade proposta como fechamento da disciplina, e que será narrada neste artigo.

2.1 Cidades & Signos

O Grupo Cidades & Signos surgiu em 2015 para desenvolver o projeto Cidades e Signos: um intercurso pela arte. É composto basicamente por alunos e professores dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

Maceió, Cidade Sorriso, Paraíso das Águas - questionando estes símbolos oficiais da

cidade, este projeto busca evidenciar outros inúmeros símbolos que seriam capturados e devolvidos à cidade em forma de arte. A ideia do grupo é agir, intervir, dar vazão à potência criativa que é essência dos alunos desta unidade acadêmica. A dinâmica de trabalho é inspirada nas corporações de ofício, que impõe que os saberes de cada indivíduo sejam compartilhados - e as posições de mestre e de aprendiz, relativizadas, talvez trocadas. Gozando de liberdade de criação, o grupo acabaria por intervir em locais da cidade de Maceió, através do *grafitti*. E hoje já dialoga com vários lugares da cidade - escolas, creches, entre outros.

Uma das atividades do grupo se deu a partir da técnica da *deriva*, quando os estudantes saíram a caminhar por um bairro da cidade, a perceberem como esta cidade se manifesta, como é sentir-se parte da cidade e nela se perder. Encontrando assim uma forma de descrevê-la, registrá-la e, quem sabe até analisá-la e interpretá-la.

A presença do Cidades & Signos dentro da FAU e no Congresso Acadêmico Integrado de Inovação e Tecnologia / CAIITE 2016, agora com o apoio do Programa de Iniciação Artística- PROINART / UFAL, as intervenções e mesas-redondas que se seguiriam, assim como os debates organizados pelo grupo, despertaram a atenção. Era notória a liberdade criativa instigada nestes eventos. E os alunos de Teoria da Percepção pareciam especialmente interessados, apontando semelhanças entre a abordagem deste grupo de extensão e a abordagem da disciplina. Exemplificavam-na troca de papéis aluno / professor, na abordagem livre do processo ensino / aprendizado. E perguntavam-se, seria possível dizer que os processos intrínsecos à disciplina iam se transformando em verdadeiros signos de uma desejada vida acadêmica? Não fora uma estrutura propositada esta de relacionar a disciplina com a extensão – mas ela se revelava e se concretizaria mais tarde. Estávamos trilhando caminhos que nossas vidas profissionais / acadêmicas tem nos mostrado como produtivos e compensadores.

A proposição de que a arte e a cultura constituem elementos significativos para o processo de formação acadêmica, profissional e cidadã dos sujeitos, o que é um fundamento do PROINART, despertava o interesse e estimulava a vida acadêmica dos alunos, aproximando-a da comunidade, para além dos muros da universidade, como veremos, através de manifestações artísticas e culturais.

2.2 O exercício perceptivo

Como conclusão da disciplina de Teoria da Percepção, no semestre 2017.1, foi proposto o seguinte exercício: os alunos, no coletivo da sala de aula, ouvem uma música, sem nada saber sobre ela. A seguir, individualmente, redigem um texto rápido, respondendo a seguinte questão: que sensações e sentimentos me vieram ao ouvir esta música? A próxima ação é se reunirem em pequenos grupos e debaterem sobre estas sensações e sentimentos, compreender o porquê deles aflorarem, suas motivações, e convergências e/ou divergências entre o grupo.

Seguir-se-ia, então, um diálogo destes grupos, em separado, com a professora. Trocam-se ideias e propõe-se o desafio: como transformar este caudal de sensações, sentimentos em uma forma? Interessante ver que, a princípio, muitos alunos dizem ser tarefa impossível - reações diversas e complexas, tantas pessoas. Como poderiam transformar isso em uma única forma? Porque tem que ser uma forma experimentada tridimensionalmente - não um desenho, não um texto - ou pelo menos não somente. A ideia é um exercício perceptivo espacial. Este é o desafio: uma intervenção espacial, instalação interativa onde possam ser vivenciados vários elementos, numa experiência perceptiva complexa. Como futuros designers de ambientes, presente no perfil do egresso do curso, observar a reação do público é fundamental para avaliar suas estratégias projetuais.

O apresentado a seguir embasa-se, em sua maior parte, nos registros realizados por duas componentes de duas equipes distintas, registros estes apresentados à disciplina de Técnica de Elaboração de Trabalhos Acadêmicos, também no período inicial do Curso de Design. Além de apresentarem os resultados de seus trabalhos de equipe, apresentam também maiores detalhes sobre a proposição do exercício.

Ao ouvirem a música *Tuve Sol*, do Grupo Bajofondo, de eletrotango, composto por músicos argentinos e uruguaios, os alunos nada sabiam sobre ela. Esta composição tem letra, mas na versão apresentada à turma, tal letra é indecifrável - apenas com alguns murmúrios. A ideia é que realmente não se pudesse referenciar um texto; o exercício parte de um estímulo sonoro e a letra da música poderia interferir diretamente na percepção do ouvinte, velando ou filtrando possibilidades mais livres e diversas.

2.2.1 Objetos suspensos

Conta, uma das integrantes, que seu grupo traduziu suas percepções em palavras como feminilidade, movimento, frustração. Não parecia haver sensações discrepantes ente os componentes do grupo, mas se seguiria uma discussão interessante do porque destas sensações, como elas vinham surgindo através do som, e como poderiam ser materializadas. Este é um momento interessante, onde a professora conversa com os grupos separadamente, os estudantes mostram-se muito angustiados com o trabalho, querendo verbalizar todo o encadeamento de emoções, de percepções geradas no desafio proposto, mas o foco tem que ser mantido: reforça-se que o objeto do trabalho tem que ser o espaço, que o usuário do espaço transformado tenha sua fruição ao nele deslocar-se.

Para este grupo, o debate desenvolveu-se na decisão de quais estratégias seriam viáveis para a representação da música *Tuve Sol*, no sentido de transmitir as sensações de ciclos (talvez em bolhas), e o movimento suave feminino de uma frustração (talvez em materiais suspensos, leves, inacabados). A feminilidade seria perscrutada na beleza. Uma das disciplinas deste primeiro período do Curso de Design, assim como Teoria da Percepção, e Técnica de Elaboração de Trabalhos Acadêmicos é Estética. As discussões acerca da beleza, suas manifestações e como é percebida foram muito profícuas neste assessoramento inicial. Como professora do curso, é gratificante verificar como e as relações de interdisciplinaridade se estabelecem.

O acesso às memórias foi relatado pelo grupo. Inclusive a memória da visitação a algumas exposições de arte que os componentes já haviam vivenciado. Como vimos, afirmam alguns autores: percepção e cognição estão intimamente ligadas.

O espaço destinado às intervenções seria a Sala de Exposições da FAU - cerca de 40m² e pé direito aproximado de 3 metros - compartilhado por seis equipes, sem que houvesse predeterminação de quanta superfície seria destinada a cada grupo; a divisão seria negociada a medida que os trabalhos fossem concebidos. Assim, o grupo que elaborou *Objetos Suspensos* considerou que, utilizando uma área desde o chão até o teto, tiraria grande parte do espaço e tornaria a fruição desse mais complexo e criativo. O material que a utilizaria deveria ser acessível, tanto em termo de custo como em facilidade de encontrar.

Tiveram assim a ideia de vazar painéis em papel paraná na forma de bustos femininos, que seriam colocados em sequência, o que passaria uma sensação de movimento

de painel a painel, sugerindo inclusive o movimento musical, cada busto levemente diferente do anterior. Para representar as bolhas e ciclos a equipe optou por suspender as esferas estrategicamente de forma que estas conversassem com os painéis. A instalação suspensa, presa a fios de nylon junto ao teto, conceberia o leve movimento presente na música, nos ciclos, na feminilidade. O espaço físico que recebeu os trabalhos foi a Sala de Exposições da FAU, esta possui finos cabos de aço, localizados em duas paredes e no teto, estrutura apropriada para receber variadas exposições.

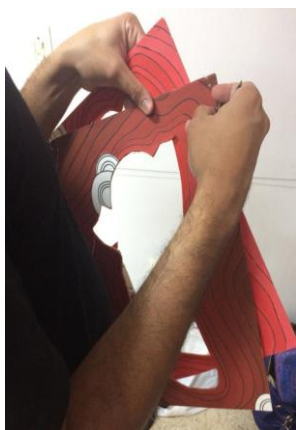
Ao caminharem pelos pátios da UFAL, as folhas caídas em suas tonalidades terrosas seduziram o grupo, lembrando o envolvimento da música. Para transmitir a sensação de frustração, talvez por alguma perda nestes ciclos, a proposta foi pintar os painéis com os bustos femininos do vermelho ao amarelo, de maneira que acompanhassem as cores das folhas, estas também suspensas, leves, movimentando-se. As folhas mais ao fundo da composição estavam em um estado de decomposição mais adiantado do que as da frente, o que mostraria, com naturalidade, os ciclos de vida.

As esferas que representavam as bolhas e ciclos acabariam por complementar os painéis e a composição formal equilibrava-se, o que também correspondeu às expectativas da equipe. Esteticamente, a composição que o grupo resolveu denominar *Objetos Suspensos*, foi se construindo atraente, e a equipe resolveu desenhar novas circularidades, em tinta preta, sobre os painéis, estas novas circularidades saltavam da tela, como as esferas o faziam, unificando e completando a composição. Para o chão, no sentido de ocupar o espaço à equipe destinado, em plenitude, foram usados alguns pedaços de madeira. A composição estava emoldurada, num dos princípios formais de enquadramento, estudado na disciplina. Essa estratégia promoveu o movimento do olhar em vários estágios e alturas.

Ao pensarem no conjunto das obras, de todos os grupos, na Sala de Exposições da FAU, as equipes pensavam situá-las periféricamente, junto às paredes da sala, de maneira que o usuário começasse sua fruição espacial desde o centro do ambiente. Um dos grupos, o que decidiu transmitir suas percepções através de *performance*, estenderia um pano preto – como um filtro. Outro grupo que conceberia um túnel, também o concretizou com panos pretos; e assim a composição de painéis e esferas teve uma leitura muito interessante tendo por fundo estes panos pretos. A instalação ia se concretizando em conjunto, os grupos dialogando e negociando. Uma construção conjunta, de contínua troca de papéis e colaborativa.

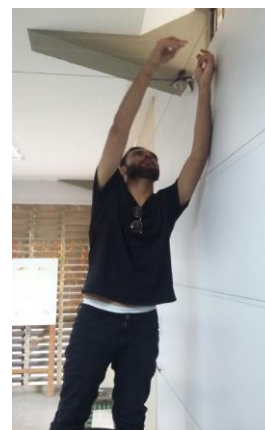
O coletivo da turma chegou ao consenso de que seria melhor que cada obra fosse iluminada por uma lanterna, criando nichos. E que a iluminação fluorescente que varre o todo da sala, estivesse apagada. Nesse sentido, a composição *Objetos Suspensos* obteve um foco de luz em que a equipe foi mudando no decorrer da exposição. Essa experimentação colaborou muito para o entendimento da importância da iluminação na composição de ambientes e cenários, um dos aspectos que serão trabalhados no transcorrer do curso, vez que em seu Projeto Político Pedagógico apresenta disciplinas de conforto luminoso e projeto de eventos, assim como propostas de vitrinas comerciais, entre outros.

Imagem 1: Painéis com bustos femininos, perfurações para montagem. Grupo Objetos Suspensos



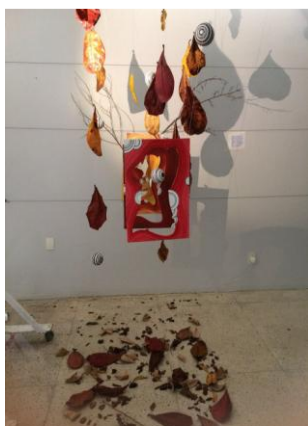
Fonte: A autora, 2017.

Imagem 2: Preparando a fixação da instalação. Grupo Objetos Suspensos



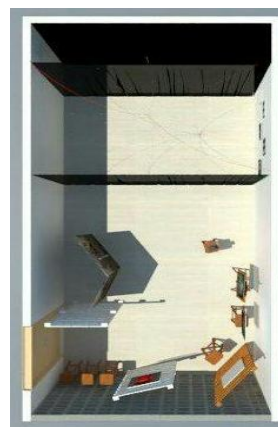
Fonte: A autora, 2017.

Imagem 3: Instalação em fase de conclusão



Fonte: A autora, 2017.

Imagem 4: Posicionamento da instalação na sala de exposições da FAU.



Fonte: A autora, 2017.

2.2.2 O túnel

Uma das componentes do grupo que terá sua proposta a seguir descrita, explica que lembranças de situações passadas e intensas, ao ouvirem a música, os envolveu. O sentimento de inquietação era grande, a ponto de, inicialmente, não saberem como decodificá-los. A ideia foi então, instigar sensações livremente - a visão, o tato, o olfato, a audição.

Havia a preocupação de explorar as experiências sensoriais num público de várias faixas etárias: o grupo definiu então a construção de um túnel no qual fosse possível buscar reflexões durante o seu atravessar. Desejavam provocar o sentimento de inquietação, o que (talvez) conduziria à procura da liberdade no seu *eu interior*. Começaram, então, o processo de desenvolvimento do projeto do túnel, escolhendo os materiais que viriam a ser utilizados e como seria a organização e a escolha de alguns objetos que estariam dentro do túnel, já pensando em etapas para a montagem.

A escolha de materiais foi baseada em três princípios básicos: o significado da cor (a teoria da cor já fora estudada na disciplina), fácil acesso e baixo custo. A equipe fez uso de utensílios que, em sua maioria, já estavam disponíveis em suas próprias casas ou na faculdade. No relatório apresentado à disciplina de Técnica de Elaboração de Trabalhos Acadêmicos, em atividade interdisciplinar, como foi explicado já acima, foi apresentado a seguinte tabela.

Tabela 1 – Materiais utilizados, locais aplicados e seus objetivos.

MATERIAL	LOCAL	OBJETIVO
Lona e TNT preto.	Nas paredes e teto.	Deixar o ambiente mais escuro, íntimo e inquietante.
Folhas secas e flores vermelhas e rosas, coletada na própria faculdade (figura 1).	Espalhados pelo chão.	Estimular o tato, através da diferenciação do macio e do áspero.
Lã vermelha.	Usada como “divisória” na metade do caminho na Sala de Exposições e como porta de entrada na Bienal.	Estimular o tato.
Flores e perfume.	Através de todo o percurso.	Estimular o olfato.
Espelho quebrado.	No final do túnel.	Para dar ênfase à frase colocada acima do mesmo.

P. Hecktheuer; R. K. de M. Teixeira & K. F. S. Rios.

Comunicando Percepções E Captando Signos: Conectando Ensino E Extensão.

Como se vê, foi a busca da exploração dos sentidos daqueles que atravessavam o túnel, desde a maciez até a aspereza, ao cheiro exalado e o que seria visualizado. O interior do túnel também contava com frases e palavras que trabalhavam a auto aceitação. A iluminação interna feita com pisca-pisca na cor branca permitia melhor visibilidade do caminho e leitura das frases.

As palavras selecionadas foram: *Adrenalina; Paixão; Liberdade; Melancolia*. E as frases: *O que você se tornou hoje é o que desejava ser no passado?* e *O que vale é o hoje* (BAJOFONDO, 2007), esta última frase presente na música *Tuve Sol*. Importante dizer que, a certa etapa do trabalho, quando as propostas haviam já sido esboçadas, foi revelada qual era a música, então os alunos ficaram livres para pesquisar o que quisessem sobre ela. Utilizou-se também a frase *A solução dos seus problemas está logo ali*, a qual ficava antes da ultima frase, que se encontrava acima do espelho fragmentado: *A resposta das suas inquietudes está dentro de você!*

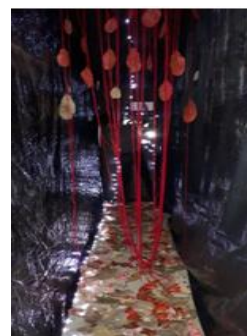
Ao escolher um espaço em que as pessoas pudessem interagir, foi preciso dimensioná-lo e organizá-lo para que fosse acessível a qualquer indivíduo, ainda que considerando a ideia de ser um lugar que causasse inquietação. Utilizando os cabos de aço já presentes na Sala de Exposições da FAU, esta estrutura túnel possuía 0,80 metros de largura, 2,58 metros de altura e 5,20 metros de comprimento. Ao final do túnel, papéis para o público escrever livremente. Muitas palavras chegariam à essência da percepção do grupo acerca da música: eram palavras de inquietação, busca pela liberdade. Palavras reflexivas.

Imagem 5: Esboço do posicionamento do túnel na sala de exposições da FAU.
Grupo O Túnel



Fonte: A autora, 2017.

Imagem 6: O Túnel na sala de exposições da FAU.
Grupo O Túnel



Fonte: A autora, 2017.

2.2.3 Reflexões

Havíamos reservado o espaço da Sala de Exposições da FAU durante dez dias, suficientes, supúnhamos, para tempo de montagem, exposição (entre os dias 29 de setembro e 4 de outubro de 2017) e desmontagem. O público da própria unidade acadêmica e da UFAL em geral, estudantes, professores, técnicos, pessoal de apoio, assim como amigos e familiares - principalmente dos alunos – começaram a frequentar as instalações, chamando novos públicos.

Por se fazer necessário, conseguimos um tempo a mais no agendamento do espaço. Entretanto, uma surpresa aconteceria. Os colaboradores do projeto “Cidades & Signos”, com frequência, visitavam a exposição. Era notória a identificação entre colaboradores, alunos e público, que ia crescendo e estreitando-se. Aos alunos da disciplina, a função de monitores; no sentido de que orientassem a oficina perceptiva. Além do previsto, a Sala de Exposições da FAU se tornou um ambiente para discussões sobre a vida acadêmica, arte, design, arquitetura, políticas de inclusão no espaço da cidade dentre outros assuntos afins. O cunho intervencionista e o potencial criativo conectaram o grande grupo. Foi gerado um espaço democrático. E assim, a exposição foi denominada de Reflexos.

3 A BIENAL

A coordenadora do projeto “Cidades & Signos” participando das discussões no espaço da FAU e, vendo este ambiente, anunciou o convite que o grupo faria a Exposição Reflexos, de forma a compor uma das atividades da 8ª. Bienal Internacional do Livro de Alagoas, 2017.

No dia 7 de outubro de 2017, na Sala Ponta Verde do Centro de Convenções de Maceió, a Exposição Reflexos dividiu o espaço com os painéis de madeira em técnica lambe-lambe do projeto Cidades & Signos em que captavam os signos mais marcantes que havia sido retirados da cidade de Maceió, desde que o grupo existia. Era o fechamento de uma etapa para desse grupo.

Para o coletivo dessa turma iniciante de Design, a experiência foi de princípios de um ciclo. Para o que começara como uma oficina perceptiva, um novo desafio: adaptar em pouco tempo – duas horas de montagem – suas instalações ao espaço da Sala Ponta Verde do

P. Hecktheuer; R. K. de M. Teixeira & K. F. S. Rios.

Comunicando Percepções E Captando Signos: Conectando Ensino E Extensão.

nível superior do Centro de Convenções. Foi um mutirão, onde quase todos os grupos levaram seus trabalhos - agora num espaço mais restrito, uma vez que partilhado.

Conforme um dos expositores, o desafio de adaptar rapidamente as instalações ao *novo* espaço, exercitou a agilidade em dar respostas rápidas. Exemplificando com as duas instalações sobre as quais já se discorreu aqui, foi necessário providenciar estruturas móveis metálicas para fixação dos *Objetos Suspensos*. Na BIENAL nada poderia ser fixado às paredes ou teto, com muito cuidado para não danificar a edificação. A avaliação foi que, além das sensações que tinham como objetivo passar, eles conseguiram exacerbar a leveza e a naturalidade assim como provocar o belo, associado à feminilidade. O grupo teve uma proposta de compra da exposição, o que os instigou a uma postura profissional.

Na BIENAL o público alvo era mais variado e mais numeroso, ainda que restrito a um dia. O trabalho de monitoramento e acompanhamento à fruição nas obras foi intenso, uma experiência que os grupos reputaram como riquíssima, observando as reações do público, nesta experimentação entre indivíduo e objeto.

Sobre a montagem do túnel na BIENAL, ele se tornou numa tenda pré-fabricada preta, na qual foram feitas modificações dos materiais em seu interior para se adequar ao novo formato e tamanho.

Imagem 7: O Túnel - agora tenda - na Sala Ponta Verde do Centro de Convenções Ruth Cardoso.



Fonte: A autora, 2017.

P. Hecktheuer; R. K. de M. Teixeira & K. F. S. Rios.

Comunicando Percepções E Captando Signos: Conectando Ensino E Extensão.

Como resultados obtidos na tenda interativa, pudemos vislumbrar o explorar de sensações táteis, através das flores e folhas no chão e também de punhados de lã; as olfativas, através do cheiro das flores e do perfume borrifado e as visuais, com ajuda da iluminação e uso do espelho fragmentado.

Foi notável o questionamento do público, desde investigações individuais até posicionamentos sobre cidadania. Esses últimos, provavelmente, deu-se pelo exposto nos painéis do “Cidades & Signos”. Tais perguntas, em certos momentos, exigiam respostas dos alunos, que, interrogados, enfrentaram a situação, vez que se sentiram responsáveis por seus trabalhos terem tocado verdadeiramente as pessoas. As críticas sobre o meio em que vivemos, a chamada de um posicionamento, o aguçar dos sentidos se multiplicavam entre os painéis de signos e as instalações sensoriais. Nesse ínterim, o acompanhamento dos professores foi fundamental, explicando os objetivos iniciais de um trabalho, a princípio não mais que acadêmico, e que sua transformação em algo maior, surpreendia a todos. E ao mesmo tempo em que tínhamos respostas, tínhamos também novas indagações. Para podermos refletir mais sobre as reações do público, com mais tranquilidade, solicitamos que suas percepções fossem redigidas em pequenos papéis, os quais eram entregues na saída, quando então cada pessoa poderia escrever o que quisesse.

4. CONCLUSÃO

Sair de sala de aula e desafiar alunos e professores a desvelarem seu potencial criativo pode ser surpreendente: foi o que essa experiência nos mostrou. Também, que a relação entre uma abordagem mais formal, de seminários e aulas teóricas, em conjunto com atividades práticas pode ser muito produtiva enquanto metodologia de ensino / aprendizagem.

Não vivemos, ainda, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, a Curricularização da extensão. O que existe são atividades extensionistas isoladas, que tem dado bons frutos, aproximando a vida acadêmica da vida para além dos muros da Universidade. Há uma promissora sintonia dos grupos de extensão na FAU com as proposições dos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design.

Importante que a vivência e o relato desta, e de outras experiências, aponte novas

P. Hecktheuer; R. K. de M. Teixeira & K. F. S. Rios.

Comunicando Percepções E Captando Signos: Conectando Ensino E Extensão.

descobertas e o perscrutar de novas interações. E, inclusive, refletir sobre novos rumos dos Projetos Pedagógicos de ambos os cursos dessa Unidade Acadêmica.

A arte se alimenta do público. Atualmente, o grupo Cidades & Signos, com apoio do PROINART, tem conseguido concretizar e divulgar suas atividades em grande parte devido a esse apoio. A Exposição Reflexos surgiu pequena e promissora intramuros da FAU. Sentiu que poderia ser maior com o incentivo dos componentes desse grupo de extensão e que percebeu o abrir de uma nova forma de expressão. A universidade, por ser, também, o espaço de troca, e quanto mais conectarmos ensino, extensão e pesquisa, mais ações e reflexões nos farão trilhar o caminho indicado pela missão cidadã de uma Universidade Pública. A sociedade está ávida por diálogo. Esta foi nossa percepção.

REFERÊNCIAS

- BERKELEY, George. **Obras Filosóficas:** Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano, Três Diálogos entre Hylas e Philonius, Sobre o Movimento, Correspondência com Johnson, Comentários filosóficos. São Paulo, Ed. UNESP, 2010.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo. Ed. Ática, 2000.
- CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia.** São Paulo, Ed. Ática 2000.
- LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2013.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível.** São Paulo, Editora Perspectiva, 2006.
- SANTAOLALLA, G. et al. **Tuve sol.** Intérprete: Bajofondo. In: BAJOFONDO. **Mar Dulce.** Estados Unidos: EmArcy Records, 2007. 1º disco sonoro. Lado A, faixa 12.
- SCHIFFMAN, Harvey Richard. **Sensação e Percepção.** Rio de Janeiro, LTC, 2005.